



PRINCIPALE  
PORTICALE  
PARTIRANT  
NOMINE  
COMANIT  
FORN  
ANNONAZ  
SEMPER  
EN TODOS  
LOS CORAZONES  
PEZA  
GRANDEZA  
DE PORTICALE

CRISTO DE

NOBRE E LEALDORRE



# CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

TAPEÇARIA DA SALA DAS REUNIÕES  
SEGUNDO CARTÃO DE G. CAMARINHA—1958

À TAPEÇARIA DE GUILHERME CAMARINHA,  
P O D E R I A D A R - S E O T Í T U L O :

HINO EM LOUVOR, HONRA E  
GLÓRIA DA CIDADE DO PORTO

Síntese da História do Porto expressa em Arte, ela evoca com esplendor e riqueza, entretecidos em ramos de carvalho de folhas de ouro, acontecimentos gloriosos e figuras representativas dos principais feitos, qualidades e serviços dos Portuenses. A sua legenda diz tudo:—*No ano de 868 a Cidade de Portucale foi apresada por Vímara Peres... e de Portucale partiram nome e ajuda com ânimo forte e indomável sempre em todos os corações pela grandeza de Portugal.* As figuras sobre as quais se desenrola esta legenda sucedem-se logicamente e só precisarão de ser explicadas a quem for de todo hóspede na História do Porto.

\* \* \*

A conquista de Portucale em 868 por Vímara Peres, guerreiro de Afonso III, de Leão, é aqui considerada, com razão, acontecimento marcante da mais antiga História do Porto. A povoação de *Portucale in Castro novo* era desde a segunda metade do séc. VI, desde os tempos dos Suevos, sede da Diocese Portuguesa; mas a partir de 868 a sua importância aumenta: torna-se o centro do movimento de reconquista e de aglutinação das terras circundantes, as quais por tal facto em meados do séc. X passam a constituir a *provincia portugalensis*, a cujos habitantes logo se dá o nome de portugalenses, e entre os quais começam a surgir as primeiras e vagas manifestações de *sentimento nacional*. Portucale, foi, por isso, na verdade, quem deu nome e origem à Nação Portuguesa! Em 1120, a Rainha D. Tareja viúva do Conde D. Henrique, doa ao Bispo D. Hugo e a seus sucessores o pequeno Burgo do Porto e um Couto a que o Bispo dá Foral em 1123, e cujos limites

D. Afonso Henriques mais tarde confirmou e ampliou. Em 1147 entraram no Douro os Cruzados nórdicos que faziam parte da Segunda Cruzada à Terra Santa e é o Bispo do Porto D. Pedro Pitões quem lhes prega no Crasto de Portucale, no alto do monte, em frente da Sé, um eloquente sermão, exortando-os a irem auxiliar D. Afonso Henriques na conquista de Lisboa; depois o Bispo Português acompanha a armada e toma parte na bélica empresa. Caída em poder dos Cristãos a formosa Princesa do Tejo, entrou o Porto rapidamente a desenvolver-se. Cresce em população e importância económica, e os burgueses envolvem-se em questões e em lutas com os seus Bispos, aos quais, aliás, o Burgo tanto devia, mas de cuja subordinação temporal os revoltosos anseavam libertar-se. Não raro o Rei serviu de mediano entre as partes desavindas, sendo D. João I quem, ao cabo de dois séculos, fez terminar essas contendas, consentindo em comprar aos Bispos do Porto o direito à jurisdição temporal que estes diziam ter sobre o Burgo e respectivo couto. Ao mesmo Mestre de Avis, porque se apresentava como Regedor e Defensor de Portugal contra os Castelãos, o Porto prestara tais serviços na crise de 1383-1385, que dele recebeu o título de MUI NOBRE E SEMPRE LEAL CIDADE. Segue-se o Ciclo das Conquistas e Descobrimentos Ultramarinos. Da mesma forma que do norte do país tinham saído os guerreiros que conquistaram o sul aos Mouros, também do Norte, onde nasceu o portuense Infante D. Henrique e tantos navegadores, partiu um decisivo impulso para as grandes navegações marítimas; o Porto, no séc. XV, era uma das cidades das Espanhas onde mais navios se fabricavam e donde mais marinheiros saíram. Mas nem só o comércio e as navegações interessavam aos burgueses do Porto. Também entre eles houve muitos e excelentes cultores das Belas-Letras, que honraram a cultura nacional, desde, segundo é fama, o Vasco de Lobeira, do *Amadis de Gaula*, até aos poetas do Cancioneiro de Garcia de Resende

como Diogo Brandão e Fernão Brandão, ou ao celebrado Pero Vaz de Caminha, autor insigne da *Carta do Achamento do Brasil*, mundialmente conhecida e admirada. Quando, após o cativo filipino, Portugal recupera a independência, o Porto assume entusiasticamente um papel de relevo nas lutas da Restauração e sustenta à sua custa um Terço de Tropas. Pela Pátria, o Porto solta em 1808 o grito de revolta contra Junot e sofre em 1809 todo o peso da invasão de Soult, bem como as suas trágicas consequências. Mas nem tudo são guerras na História do Porto. Na segunda metade do séc. XVIII a Cidade, que se enriquecera extraordinariamente, cresceu, monumentalizou-se, modernizou-se graças aos Almadás: e no séc. XIX o Porto deu à Nação poetas como Garrett e criou escultores da grandeza de Soares dos Reis. É claro que na base de todas as acções colectivas dum povo está o próprio povo: a gente obscura, cujos nomes não ficaram na história, mas que trabalhou, sofreu e se sacrificou, que deu a sua fazenda, as suas forças e a sua vida para que as pátrias fossem gloriosas e grandes. Não o esqueceu Guilherme Camarinha pois colocou em lugar de relevo na base da sua assombrosa composição os lavradores, os mesteiros, os carpinteiros, os petintais, os carneiros, a trabalhar na preparação da armada que da Ribeira do Douro no ano de 1415 partiu para Ceuta sob o comando do Infante D. Henrique. O povo do Porto, entre cujas qualidades avulta a de um profundo sentimento de civismo, deu quanto tinha para o aparelhamento e abastecimento desses navios; generosa e patrioticamente os portuenses cederam toda a carne das rezes, e porque, para sua alimentação, só ficaram com as vísceras desses animais, ganharam um epíteto que é o seu mais lídimo título de orgulho:—o de *Tripeiros!*

A R T U R D E M A G A L H ã E S B A S T O

(Fal. a 3 de Junho de 1960)